



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Comunicação, violência e subjetividade<sup>1</sup>**

**Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista - Universidade São Judas Tadeu (USJT) - São Paulo e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC-SP)**

### **RESUMO:**

**O texto em referência faz uma reflexão a respeito do tempo-memória e da violência nos meios de comunicação.**

Parte-se do princípio de que a mídia enfatiza a violência, reforçando desta maneira, as diversas formas do poder, institucionalizadas ou não, à medida que estimula as “paixões tristes”, entendida, sob os pressupostos teóricos de Deleuze – via Spinoza – como uma forma tirânica de subtrair a potência de pensar do ser humano.

Analisa-se, também, a perspectiva do tempo-memória nos meios de comunicação, ou seja: o provisório, a fugacidade, a rapidez, enquanto elementos que reconfiguram formas de subjetividade e temporalidade no contemporâneo.

Palavras-chave: subjetividade – temporalidade - mídia

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



## **Introdução**

**“O passado e o presente não designam dois momentos sucessivos, mas dois elementos que coexistem: um, que é o presente e que não pára de passar; o outro, que é o passado e que não pára de ser, mas pelo qual todos os presentes passam.” Gilles Deleuze <sup>1</sup>**

**A subjetividade, conforme sabemos, comporta inúmeras significações, inclusive dependendo da forma de como o conceito é usado dentro de um determinado contexto. Nesta breve reflexão deverá ser entendida como o conjunto de experiências, de estar no mundo, de sentir o universo, enfim, como temporalidade, indissociável, portanto, da memória.**

Sabe-se que cada época teve uma percepção diferenciada de subjetividade, naturalmente, os gregos, por exemplo, não possuíam a mesma concepção de subjetividade que é percebida por nós, assim como na Idade Média e outras grandes etapas pelas quais passaram a humanidade.

Não resta a menor dúvida, que as grandes transformações do mundo atual estão reconfigurando, talvez com mais velocidade do que possamos imaginar, nossa capacidade de perceber e estar no universo . Grande parte dessa transformação deve-se aos meios de comunicação.

Entretanto, parece-nos que o contemporâneo comete uma das maiores violências contra a subjetividade: uma verdadeira teia invisível que promove, em todos os níveis, o esquecimento pelo esquecimento, assim como a violência em si. Diga-se: em vários graus e em diferentes níveis.

Emerge, com grande força, uma subjetividade alicerçada na violência concreta dos acontecimentos cotidianos, na violência da invasão (sem precedentes) da privacidade consentida ou não. O tempo é fugaz, momentâneo e fluido. O aqui e agora

---

<sup>1</sup> Bergsonismo, p. 45

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



ancora-se numa escala temporal vertiginosa que parece nos escapar, assim como a qualquer apreensão de tempo-memória que tentemos captar ou fixar.

### **Configurações de memória e subjetividade: uma breve retrospectiva**

Conforme afirma Vernant <sup>2</sup>, a memória representa para a história da humanidade a conquista de seu passado coletivo, assim como o individual. *Mnemosyne* é uma divindade do panteão grego bastante singular, uma vez que atinge categorias psicológicas como o tempo e o eu.

Nesse contexto, ou seja, na sociedade grega arcaica, o poeta seria o intérprete de *Mnemosyne*, inspirado pelas musas, portanto, com acesso a realidades que um ser comum não teria. O poeta é um ser que se volta, quase que, exclusivamente para o passado, visto que busca a idade heróica, a idade primordial, o tempo original, de que teria uma experiência imediata; tem acesso ao passado porque tem o poder de estar presente no passado <sup>3</sup>.

Homero, conforme é sabido, é um aedo inspirado pelas Musas que contam o surgimento do mundo, dos deuses e da humanidade, todavia, de modo algum o poeta possui preocupações modernas em relação ao tempo e à memória, ou seja, não passa pelas suas intenções situar os fatos e acontecimentos numa escala temporal seqüencial. O passado é, especialmente, muito mais significativo porque busca uma espécie de realidade primordial da qual surgiu o cosmo, conforme nos afirma Vernant <sup>4</sup>.

Na Grécia Arcaica o esquecimento é uma água da morte, enquanto Memória é a fonte da imortalidade . Em inúmeros documentos das mais diversas origens, mas sob uma perspectiva mítica, o par Memória – Esquecimento passam a ser o cerne de uma doutrina de reencarnação das almas.

Sabe-se, também, que a concepção de temporalidade e de memória, na Grécia Arcaica, enfatizava a sucessão de gerações humanas, que se renovavam umas nas

---

<sup>2</sup> Jean-Pierre Vernant, **Mito e pensamento entre os gregos**, pp.107-131.

<sup>3</sup> Ana Maria Haddad Baptista, **Bifurcações do tempo-memória na literatura**, p.23.

<sup>4</sup> Jean Pierre Vernant, **Mito e pensamento entre os gregos**, p.112.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



outras, por intermédio de uma circulação – que nunca parava – entre mortos e vivos; logo, o tempo humano parecia integrar-se na organização cíclica do cosmo. Neste contexto, convém destacar, a função da memória na Grécia Arcaica não se vincula a um esforço de explorar o passado e muito menos à construção de uma perspectiva temporal; a memória não está vinculada à categoria de um “eu”. *Mnemosyne* deve ser entendida como uma espécie de memória impessoal.

Conclui-se, então, que os traços essenciais da memória – na concepção mítica – não estavam relacionados a qualquer dimensão de interioridade ou subjetividade, tal como hoje é (de alguma forma) entendida no contemporâneo.

A literatura grega, inclusive, concretizou por intermédio de suas personagens e de seus heróis o tempo-memória enquanto uma categoria exterior a eles; observamos os acontecimentos da literatura em referência apenas pontuando de forma cíclica a marcação dos grandes feitos heróicos.

Kant vai operar uma mudança radical no pensamento clássico; a partir do filósofo germânico seria como se o tempo se desenrolasse, se desencurvasse, diria Deleuze <sup>5</sup>, um círculo que se desprende e passa a ser uma linha reta, daí a grandiosidade e “violência” dos conceitos kantianos. Ora, se o tempo se desvencilha do espaço, adquire, essencialmente, uma **forma pura**. Tempo e espaço para o filósofo em questão são categorias “a priori” do ser humano. Não há apreensão de universo sem estas duas categorias

**Deleuze deixa claro que o tempo não toma lugar do espaço, mas, sim, deixa de ser obstáculo para o pensamento; limite que opera o pensamento em sua interioridade, que o transpassa e o atravessa de um lado para o outro, posto que é um limite inerente interior, ao passo que na filosofia clássica o espaço é determinado como limite exterior ao pensamento, considerando-se que para Platão e para os gregos, de uma forma geral, o tempo encontrava-se subordinado aos movimentos dos astros, portanto, era considerado como uma “forma” exterior ao homem.**

Conforme Deleuze:

---

<sup>5</sup> Gilles Deleuze, **Crítica e Clínica**, p. 40.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



“Não é o tempo que nos é interior, ou ao menos ele não nos é especialmente interior, nós é que somos interiores ao tempo e, a esse título, sempre separados por ele daquilo que nos determina afetá-lo. A interioridade não pára de nos escavar a nós mesmos, de nos cindir a nós mesmos, de nos duplicar, ainda que nossa unidade apareça. Uma duplicação que não vai até o fim, mas uma vertigem, uma oscilação que constitui o tempo, assim como um deslizamento, uma flutuação constitui o espaço ilimitado.”<sup>6</sup>

**Kant, conforme se sabe, é um pensadores que de alguma maneira produz conceitos que circunscrevem o conceito macroscópico de modernidade, justamente porque seus conceitos de tempo e espaço reforçam e estruturam uma nova forma de subjetividade, em relação ao pensamento clássico e, inclusive, ao pensamento medieval. Visto que na Idade Média predominava, a grosso modo, um conceito de atemporalidade/eternidade que configuravam formas de perceber e estar no mundo. Idéia esta ligada à salvação após a morte e submissão aos poderes e instituições terrestres. As narrativas medievais, de certa maneira, refletem a concepção de tempo-memória da época, ou seja um tempo ligado a uma outra vida, acima do terrestre; o tempo é eternidade que só pode ser alcançada após a morte.**

As novas tecnologias: algumas perspectivas

**A fotografia, como é de consenso, trouxe uma revolução fenomenal na “educação dos sentidos”, nas formas de percepção. Finalmente, entre outras coisas, a reprodução, “concebida a partir de uma máquina” estava instaurada. É famoso**

---

<sup>6</sup> Gilles Deleuze, **Crítica e Clínica**, p.40.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



o ensaio de Walter Benjamin <sup>7</sup> a respeito da reprodução, especialmente, de seu otimismo, ou seja, enquanto muitos pensadores discutiam se a fotografia seria arte ou qualquer outro meio de reprodução, Walter Benjamin acreditou, e claro que não ingenuamente, que a reprodução em todas as suas extensões, o cinema, por exemplo, ‘democratizam’ não só a informação, como as obras de artes.

Aliás, o século XX produziu grandes correntes de pensamento que foram as famosas críticas à modernidade . Algumas delas foram bastante otimistas crendo, inclusive, que os novos meios de comunicação poderiam esclarecer e emancipar as pessoas para que finalmente muitas desigualdades, especialmente, as culturais fossem atenuadas.

Não resta a menor dúvida de que, principalmente, a televisão traz novas dimensões a pessoas que anteriormente não tinham o menor contato com certas culturas, ou não possuíam nenhum tipo de acesso à informação. A televisão é um poderoso espaço que garante a informações, assim como outros espaços, inclusive, que seriam inimagináveis para certas regiões do Brasil que viviam à margem de qualquer evento cultural.

Além disso, conforme declara José Arbex <sup>8</sup>, o homem moderno anda pelas ruas das grandes cidades como alguém anônimo absorvido pelas vias urbanas, assim como é bombardeado por uma mídia cada vez mais poderosa. Ainda conforme o autor em questão, Benjamin via nas novas tecnologias um verdadeiro potencial de libertação da humanidade em relação aos limites impostos do cotidiano.

Parece-nos que já foi ampla e exaustivamente discutido que as novas tecnologias potencializaram a ampliação em altíssimas escalas da denominada “indústria cultural”. Os pensadores em geral, mais pessimistas, viram com muitas reservas a comunicação entre a humanidade de forma cada vez mais veloz.

---

<sup>7</sup> O famoso ensaio do pensador alemão *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* problematiza magistralmente a democratização da obra de arte – entre outras coisas – a partir da fotografia in *Magia e técnica, arte e política* , p. 165.

<sup>8</sup> *Showrnlismo a notícia como espetáculo* , p.63.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



**Por um outro lado, os especialistas mais otimistas, inclusive reforçando em alguns aspectos o pensamento de Benjamin, acreditaram em um novo ambiente cultural – que sem dúvida houve e continua se configurando – que propiciaria novos códigos de interpretação, novas formas de percepção, que aproximaria – como não poderia deixar de ser – as culturas mais distantes do planeta, muitas vezes, entregues ao seu próprio confinamento.**

Naturalmente, esta breve reflexão não estará se propondo a responder se os mais otimistas estavam com a razão ou, se os mais pessimistas ganharam a causa. Entretanto, parece-nos que alguns fatos são de consenso: as novas tecnologias e a produção final das mesmas possuem alguns pontos em comum, que consideramos fundamentais, ou seja: superficialidade, quase que absoluta em relação a qualquer assunto; exaltação à desgraça e à violência; reconstrução de fatos e acontecimentos desrespeitando qualquer limite mínimo de interpretação e perspectiva abalando os fundamentos essenciais de construção de tempo-memória, ora coletiva, ora individual; desrespeito sem precedentes aos limites entre o real e o ficcional.

Seria importante discutirmos todos os pontos citados, entretanto, pelos limites dos objetivos desta reflexão destacaremos dois pontos: a questão do tempo e da memória e a questão da violência entre os meios de comunicação.

#### Meios de comunicação e violência

**Sabe-se que a violência – roubos, assaltos, assassinatos, estratégias cruéis usadas nas guerras e outras- é um fenômeno mundial. Não é um fato isolado que ocorre apenas nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Nova Iorque ou nas regiões do Oriente Médio. O mundo, por inúmeros fatores, está mais violento. Como os meios de comunicação se comportam diante do miserável panorama ao qual somos direta ou indiretamente submetidos? Destacando-o! Evidenciando-o! E das piores formas possíveis. Os meios de comunicação – na esteira de Deleuze via Espinosa – fazem exatamente o jogo do poder:**



**“Espinoza, ao longo de toda a sua obra, não cessa de denunciar três espécies de personagens: o homem das paixões tristes; o homem que explora estas paixões tristes, que delas necessita para estabelecer o seu poder; e por último, o homem que se entristece com a condição humana e com as paixões do homem em geral (que tanto pode zombar como indignar-se, mas não deixando a própria zombaria de ser um mau riso). Trata-se do escravo, do tirano e do sacerdote.”<sup>9</sup>**

Parece-nos que não é preciso muito esforço para identificarmos que os meios de comunicação, ultimamente, estão plenamente enquadrados na segunda categoria descrita por Deleuze, ou seja, os meios de comunicação necessitam da exploração das desgraças e tristezas da condição humana para se garantir.

Não podemos perder de vista que o poder – desde a sua escala mais sutil – necessita se comprazer com “a impotência e a dor dos homens, tudo o que exprime o desespero e a mofa, tudo o que se nutre de acusações, malevolências, depreciações, más interpretações, tudo o que despedaça as almas (o tirano tem necessidade de almas despedaçadas, assim como as almas despedaçadas de um tirano).”<sup>10</sup>

A exploração da tristeza e da desgraça sempre foi uma arma poderosa dos grandes tiranos, nos diferentes níveis. Prossegue Deleuze:

**“É que a paixão triste é um complexo que reúne o infinito dos desejos e a confusão da alma, a concupiscência e a superstição. (...) O tirano necessita da tristeza das almas para triunfar, tal como as almas tristes necessitam de um tirano para se acolherem e propagarem. O que de qualquer modo os une é o ódio à vida, o**

---

<sup>9</sup> Gilles Deleuze, **Espinoza e os Signos**, p. 37

<sup>10</sup> Gilles Deleuze, **Espinoza e os signos**, p. 23.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



**ressentimento contra a vida. (...)Espinoza segue passo a passo o terrível encadeamento das paixões tristes: em primeiro lugar a própria tristeza, a seguir o ódio, a aversão, o escárnio, o temor, o desespero, o *morsos conscientae*, a piedade, a indignação, a inveja, a humildade, o arrependimento, a humilhação, a vergonha, o desgosto, a cólera, a vingança, a crueldade...”<sup>11</sup>**

Se pensarmos, como é de consenso, no exagerado grau de narcisismo que invade o contemporâneo, aliado ao extremo grau de individualismo (haja vista a incrível produção de autobiografias e biografias, assim como livro de memórias, na maioria das vezes, sem o menor critério ou valor estético-literário) que não escapam aos meios de comunicação, quando buscam pegar as pessoas anônimas e colocá-las em tela, mas, de certa forma, apenas para explorá-las em suas próprias desgraças, assim como em algum ponto emocionante em suas vidas, sem o menor critério ou mesmo ética. em geral, parece-nos, assim, que as reflexões de Deleuze vão, justamente, ao encontro das intenções – voluntárias ou não – da mídia em geral.

A alegria, de acordo com Deleuze, provoca aqueles “encontros” que possibilitam ao ser uma reavaliação consciente que fortalece o processo que leva ao pensar, a reflexão, a dimensão da potência de uma interioridade. “A questão é a seguinte: o que pode um corpo? De que afetos você é capaz? Experimente mas é preciso muita prudência para experimentar. Vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes.”<sup>12</sup>

## Meios de Comunicação e Memória

---

<sup>11</sup> Idem, p. 38

<sup>12</sup> Idem, *Diálogos*, p. 75

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Conforme já verificamos neste ensaio o tempo-memória são elementos basilares que circunscrevem a subjetividade. Logicamente, que o caráter de imediatismo, do instantâneo que os novos meios de comunicação proporcionam estão reconfigurando outras formas de percepção.

Claro que seria muita pretensão estarmos determinando de maneira nítida os contornos das novas formas de subjetividade. Entretanto, esboçar algumas reflexões é o nosso propósito. A questão da memória comporta inúmeros questionamentos, aliás, bastante complexos.

De os. acordo com José Arbex “o homem sente o tempo presente como algo cada vez mais fugidio, criando um paradoxo: ao mesmo tempo que o capitalismo contemporâneo concentra ao máximo as demandas do consumo no momento presente, ele o torna cada vez mais instável, inseguro de si, enfraquecendo a estabilidade da identidade dos sujeitos contemporâneos”<sup>13</sup>.

Nessa medida, a memória adquire novos contornos, uma espécie de esquecimento, que é um verdadeiro descaso para com o passado. A ignorância em relação aos referenciais históricos e que construíram o presente estão sendo bombardeados pelo “aqui e agora”. O número de informações, conforme é sabido, cresce de forma vertiginosa. A informação floresce por todos os poros. Vive-se a era da seleção das informações. É impossível estar ciente de tudo o que ocorre ao nosso redor, tal o volume de informações. Parece-nos que este é um dos fatores que levam a um suposto descaso com a memória, tal como nós a entendíamos, enquanto uma fonte de conhecimento. Na verdade não há mais tempo de se recorrer ao passado. A memória deixou de ser a “fonte da imortalidade”. Os “poetas” parecem absorvidos pelo sistema em geral. Não possuem forças para beber nas fontes da imortalidade. Muito menos os meios de comunicação.

Estranhamente as novas formas de perceber o mundo não estão mais ancoradas em qualquer vestígio da tradição. O provisório e o passageiro são sinônimos de tempo-memória.

---

<sup>13</sup> José Arbex Júnior, **Showrnalismo**, p.89.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Os jornais, de um modo geral, a televisão, operam com produções que , num primeiro momento, não exigem o menor grau de reflexão, de tão lineares e literais que são suas pobres propostas. Desbancam, impiedosamente, leituras (no amplo sentido da expressão) que rompiam com a percepção automática, como os grandes marcos artísticos do final do século XIX e alguns destaques do século XX, que tinham como proposta levar o receptor a um verdadeiro mergulho a escalas mais profundas de um tempo-memória, quebrando qualquer expectativa mais previsível.

Enfim, o grande espaço que a mídia detém ,espaço sem precedentes, conforme sabemos, é aproveitado para reforçar, sob nosso ponto de vista, apenas o entretenimento, a exploração da desgraça e a aceitação dos fatos e acontecimentos de uma forma passiva, onde o debate é naturalmente excluído, visto a superficialidade de tudo.

Prossegue José Arbex:

“(...) mas ‘a exaltação da novidade’ cria outro paradoxo: a produção de uma quantidade brutal e incessante de informação também produz a ‘amnésia permanente’. É claro: se o que interessa é a ‘novidade’, e essa é produzida industrialmente – a cada dia, hora ou minuto-, o telespectador/leitor é convidado a abandonar qualquer reflexão sobre determinado evento, para sempre se entregar ao ‘novo’. Isso poderia dar a impressão de que a sociedade é beneficiada por uma pluralidade imensa de pontos de vistas distintos, possibilitados pela disputa entre as empresas da mídia pela originalidade da notícia. Mas não é assim que as coisas acontecem, até porque a ‘sensação’ de falta de tempo para entender a fundo uma notícia estimula o recurso ao clichê, ao preconceito, à reiteração de concepções já formadas.”<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> José Arbex, **Showrnlismo – a notícia como espetáculo**, p.89.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Novamente - recorrendo aos conceitos de Deleuze <sup>15</sup> - um dos eixos que solicita do sujeito a verdadeira reflexão alicerça-se no movimento do tempo-memória. A memória é a fundação essencial do ser. Transita. Perpassa. Atravessa. Os mecanismos do presente, conforme Deleuze, articulam-se sobre o passado, que para o pensador francês não é formado por instantes presentes que ao passar formam o pretérito. Para Deleuze o passado é forma. Forma pura (lembramos das categorias de Kant). O passado se forma juntamente com o presente que passa, ou, estaríamos fadados a um eterno presente, argumenta Deleuze.

Todavia, se os mecanismos do tempo-memória não forem estimulados, ou seja, permanecerem na superficialidade, restará apenas o ato de reproduzir, assim como a mera identificação, esterilizando processos mais amplos da criatividade. A reflexão implica na quebra, sobretudo, do esquema sensório-motor automático. Implica na ruptura do consenso ordinário que, somente, uma dimensão temporal subjetiva centrada em estratos mais profundos da memória poderiam proporcionar. Bifurcações temporais que atingissem pontos de simultaneidade abrangendo diversos níveis do tempo e da memória.

Tal processo obriga o receptor a uma verdadeira reconfiguração de sua subjetividade. Memória enquanto ‘síntese do tempo inteiro’ do qual presente, passado e futuro são considerados dimensões.

## **Conclusão**

Esta reflexão buscou, à medida do possível, indagar se os meios de comunicação, indissociáveis dos novos aparatos tecnológicos não estariam configurando novas formas de subjetividade, completamente estranhas e avessas a qualquer tipo de reflexão mais profunda, visto que o apelo da mídia à violência sem maiores questionamentos é sua tônica, assim como um verdadeiro descaso para com os mecanismos de introspecção e do tempo-memória.

---

<sup>15</sup> Gilles Deleuze, **Diferença e Repetição**, pp.143-142.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Entretanto, embora tenha ficado quase nítido no texto – especialmente ao abordarmos certas idéias de Deleuze- que as novas formas de percepção estejam bastante esvaziadas em relação ao que entendemos por reflexão, temos que pensar em estratégias que reformulem, estruturalmente, inclusive, os amplos espaços propiciados pelos meios de comunicação. Espaços que possam descrystalizar contornos fixos de identidades e explorar conexões, interseccções e trânsitos que levem às pessoas a uma verdadeira educação de todos os sentidos.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BAPTISTA, A .M.H. *Bifurcações do tempo-memória na literatura*. São Paulo: Catálise Editora, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e plítica*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

\_\_\_\_\_. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *Espinoza e os signos*. Tradução de Abílio Ferreira. Porto-Portugal: RÉS-Editora Ltda.[s.d.]

PETER, Pál Pelbart. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2000.

VERNANT, Jean –Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Tradução de Haiganuch Sariam. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [s.d.]